

O FACEBOOK  
ENQUANTO  
“VERDADE  
SEDUZIDA”:  
UM ENSAIO  
CRÍTICO DE SUA  
COMUNIDADE  
GLOBAL

[ ARTIGO ]

**Gabriel Alarcon Madureira**

*Universidade de São Paulo*

*Centro de Estudos Latino-americanos sobre Cultura e Comunicação*

## [ RESUMO ABSTRACT RESUMEN ]

O ensaio tem por objetivo discutir criticamente a rede social Facebook, especificamente a sua intenção de construir uma comunidade comunicacional global. Assim, a partir de uma abordagem teórica multiperspectivística, mobilizando a sociologia comunicacional de Muniz Sodré; as interfaces analíticas dos estudos culturais; a teoria crítica da cultura; e as discussões interdisciplinares da comunicação, analisamos o discurso do fundador e CEO da rede, Mark Zuckerberg, consubstanciado na nota “Building Global Community”, publicada em fevereiro de 2017. Desta forma, esta reflexão incide sobre as questões relativas aos conceitos de cultura e de diversidade cultural, cuja elaboração no Facebook, na verdade, fomenta o surgimento de uma comunidade comunicacional distópica e contrária aos direitos humanos e ao diálogo intercultural.

**Palavras-chave:** Comunicação. Facebook. Muniz Sodré.

This essay aims to critically discuss the social network Facebook, specifically its intention to build a global communication community. Thus, from a multiperspective theoretical approach, mobilizing the communicational sociology of Muniz Sodré; the analytical interfaces of cultural studies; the critical theory of culture; and the interdisciplinary discussions of communication, we analyze the speech of the founder and CEO of the network, Mark Zuckerberg, embodied in the note “Building Global Community”, published in February 2017. This reflection focuses on issues related to the concepts of culture and cultural diversity, whose elaboration on Facebook actually fosters the emergence of a dystopian communication community that is contrary to human rights and intercultural dialogue.

**Keywords:** Communication. Facebook. Muniz Sodré.

El ensayo tiene como objetivo discutir críticamente la red social Facebook, específicamente su intención de construir una comunidad de comunicación global. Así, desde un enfoque teórico multiperspectivo, movilizandoo la sociología comunicacional de Muniz Sodré, las interfaces analíticas de los estudios culturales, la teoría crítica de la cultura y las discusiones interdisciplinarias de comunicación, analizamos el discurso del fundador y CEO de la red, Mark Zuckerberg, plasmado en la nota “Building Global Community”, publicada en febrero de 2017. Por lo tanto, esta reflexión se centra en cuestiones relacionadas con los conceptos de cultura y diversidad cultural, cuya elaboración en Facebook, de hecho, fomenta el surgimiento de una comunidad de comunicación distópica que es contraria a los derechos humanos y al diálogo intercultural.

**Palabras clave:** Comunicación. Facebook. Muniz Sodré.

## Introdução

O escopo deste ensaio é analisar criticamente a rede social Facebook, recortando o tema na especificidade de sua intenção de construir uma comunidade comunicacional global. Na medida em que esta rede social se torna cada vez mais onipresente<sup>1</sup> – tanto no que tange ao seu alcance, mas, principalmente, no que se refere aos seus impactos cada vez mais reais e tangíveis

na sociedade –, consideramos pertinente tomá-la como objeto de reflexão.

Com esse intuito, optamos metodologicamente por debater a nota “Building Global Community”<sup>2</sup>, publicada em fevereiro de 2017 pelo fundador e atual CEO (*Chief Executive Officer*), Mark Zuckerberg. Consideramos pertinente a leitura crítica desse texto de Zuckerberg na medida em que o Facebook, enquanto corporação privada de comunicação, se consubstancia na própria rede social e se personaliza em sua figura.

[ Figura 1 ]

Printscreen da nota pública publicada por Zuckerberg



# Building Global Community

 MARK ZUCKERBERG · QUINTA-FEIRA, 16 DE FEVEREIRO DE 2017

To our community,

On our journey to connect the world, we often discuss products we're building and updates on our business. Today I want to focus on the most important question of all: are we building the world we all want?

Fonte: Perfil pessoal de Mark Zuckerberg no Facebook

<sup>1</sup> O Facebook possui 2,38 bilhões de usuários ativos em todo o mundo e 71,9 milhões de usuários ativos no Brasil (STATISTA, 2019).

<sup>2</sup> Por razões do escopo do ensaio e de sua extensão, não reproduziremos a nota de Mark Zuckerberg na íntegra, mas excertos (com tradução nossa) selecionados especificamente para o debate. O texto completo está disponível ao público e pode ser acessado em endereço eletrônico citado nas referências.

Para tal finalidade analítica, utilizaremos uma perspectiva da cultura e da diversidade cultural alicerçada na crítica sociológica-comunicacional de Muniz Sodré e referenciais teóricos inseridos nas interfaces dialógicas dos estudos culturais, da sociologia da cultura (através de autores da tradição marxista-gramsciana e da Escola de Frankfurt) e das discussões interdisciplinares da comunicação. Com isso, temos em vista realizar uma ensaística fundamentada numa abordagem multiperspectivística que procura mobilizar as diversas teorias sociais como ferramentas para a inteligibilidade de fenômenos contemporâneos marcados pela complexidade e pela infinitude de focos interpretativos (KELLNER, 2001).

Desta forma, nosso ponto de partida analítico é o início da nota, onde o auto-proclamado empreendedor e filantropo do Vale do Silício se pergunta a questão mais importante de todas (a partir de seu próprio ponto de vista): “Nós estamos construindo o mundo que todos nós queremos?”<sup>3</sup>

Na medida em que Zuckerberg coloca a questão utilizando o pronome “nós” em duas situações específicas – em “nós estamos construindo” e em “o mundo que todos nós queremos” –, temos a leitura de que ele sintetiza toda a estruturação argumentativa da nota e dos objetivos do Facebook enquanto corporação midiática, propondo uma comunidade global fundada em visões de mundo e em epistemologias situadas no âmbito do capitalismo e da modernidade ocidental (HALL, 2015), as quais são, entre tantas outras, apenas uma possibilidade de estruturação da vida entre outras miríades possíveis de variadas formas de organização sociocultural, econômica e política (QUIJANO, 2005). Mais do que isso, observamos que no

discurso há a naturalização de uma hegemonia do desejo e do querer um mundo possível calcado nos referenciais dos Estados Unidos e da agenda californiana da sociedade em rede informacional (CASTELLS, 2000; HARARI, 2016), a qual desconsidera a polifonia de culturas contra-hegemônicas (CANCLINI, 1988; KELLNER, 2001) que podem ter epistemologias e sistemas simbólicos desejan-tes de outros mundos, de outras sociabilidades e/ou de outros arranjos sociais antagônicos às tais premissas universalistas (HALL, 2013).

A partir dos conceitos que Muniz Sodré (2005) utiliza para analisar a sociedade e a modernidade midiaticizadas, podemos situar o Facebook como vetor corporativo global que pretende sequestrar a subjetividade individual e a esfera intersubjetiva, estabelecendo um espaço comunicativo privado-corporativo que impõe um determinante específico à história e aos discursos a partir de sua própria racionalidade e regras morais. Assim, a rede social de Zuckerberg pode ser lida como a grande demiurga contemporânea de “verdades seduzidas”, como máquina algorítmica de legitimação de imperativos simbólicos e semânticos geradora de semiocídios de outros modos comunicativos e culturais.

Assim, é justamente no que tange a essas considerações estruturais que reside também a crítica ao Facebook enquanto corporação que publica uma nota expondo diretrizes de erigir uma comunidade global que se pretende universal, mas que, na verdade, é apenas a concretização de uma visão hegemônica que não considera a diversidade cultural enquanto conceito estruturante das potências criativas e disruptivas da espécie humana,

<sup>3</sup> No original: “Are we building the world we all want?”.

reproduzindo, assim, desigualdades estruturais fundamentadas nos conceitos de cidadania e de igualdade formais que realizam uma gestão política apaziguadora das assimetrias e dos conflitos do tecido social (EAGLETON, 2005).

É exatamente acerca dessas iniquidades materiais da sociedade que Sodré (2002) aponta com acuidade a convergência entre reprodução do capital, sociedade da informação e tecnologias pós-midiáticas (tendo no nosso ponto de vista, como maior expressão, o próprio Facebook). Segundo Sodré (2002), essas três vertentes da contemporaneidade comunicacional traduzem um turbocapitalismo e seus desdobramentos: aceleração da produção-distribuição-acumulação de capitais e informações; transnacionalização do sistema produtivo; globalização e intensificação do neoliberalismo; financeirização e mutação tecnológica. Em suma, a partir de Sodré (2002; 2005), a informação e a própria cultura emergem como elementos-chave para a emergência de um modo operativo cognitivo-financeiro-matemático que reproduz a lógica mercantil sob uma aparente estética de autonomia comunicacional, a qual se efetiva, ao contrário, como simulacro de individualidade e protagonismo na rede social. Por conseguinte, a cultura, então sequestrada de sua dimensão potente e engendradora enquanto universal de verdade, atua como instrumento de relações de poder em uma ordem tecnocrática:

A partir dessa operação, *cultura* passa a demarcar fronteiras, a estabelecer categorias de pensamento, a justificar as mais diversas ações e atitudes [...] ocultando a arbitrariedade histórica de sua invenção.

É preciso não esquecer, assim, que os instáveis significados de *cultura* atuam concretamente como instrumentos das modernas relações de poder imbrincadas na ordem tecnoeconômica e nos regimes políticos, e de tal maneira que o domínio dito “cultural” pode ser hoje sociologicamente avaliado como o mais dinâmico da civilização ocidental (SODRÉ, 2005, p. 8).

## Facebook e o conceito de cultura

---

O Facebook é uma rede social caracterizada por perfis e comunidades de interesse nas quais os usuários podem compartilhar conteúdos midiáticos diversos, como fotos, vídeos, textos etc. Através da linha do tempo, é possível explorar conteúdos criados por outros usuários, tendo a opção de simplesmente fruir e/ou reagir através de *likes* (curtidas) e/ou compartilhar o *post*, alimentando, assim, – através de volumes gigantescos de dados gerados na utilização – uma sofisticada engrenagem de programação baseada em algoritmos de predileção, cuja principal função é fornecer ao usuário conteúdos cada vez mais alinhados às suas escolhas pessoais, inclinações políticas e gostos estéticos (HARARI, 2018)<sup>4</sup>.

---

4 Esta é apenas uma descrição superficial da complexidade do Facebook enquanto rede social. Há disponível uma enorme produção jornalística e da própria teoria social acerca de diversos outros aspectos não só desta rede social, mas das grandes corporações de mídia que moldam a sociabilidade contemporânea, como o Google, a Amazon, a Apple, a Microsoft, entre outras.

De fato, a partir da abordagem “antropológica do espelho” (SODRÉ, 2002), a rede social de Zuckerberg materializa em si uma eticidade estetizante, incorporando costumes, condutas, cognições, sensorialismos imagéticos e virtuais numa tecnocultura de simulação e fluxo. Por conseguinte, o Facebook opera a “representação apresentativa” como própria forma de vida, na qual o indivíduo emerge como alvo-vetor-motor de um exercício de poder calcado no infocontrole e na datavigilância (SODRÉ, 2002).

Assim, a questão fundamental que tange à discussão proposta aqui é o Facebook enquanto rede social onipresente que vem se afigurando como sistema global de circulação de formas simbólicas – compreendidas como toda a miríade de produtos culturais relativos a textos, imagens, ações e construtos variados que emergem e/ou se relacionam com as variadas linguagens discursivas e simbólicas da ação humana (THOMPSON, 2011).

O seguinte trecho da nota de Zuckerberg aponta para a estreita correlação entre o controle desse sistema de circulação de cultura com a construção de uma comunidade comunicacional global:

Nós podemos observar as muitas atividades pela ótica da construção de uma comunidade. Assistir vídeos dos nossos times ou programas de TV favoritos, ler nosso jornal ou jogar nosso jogo favorito não são apenas entretenimento ou informação, mas uma experiência compartilhada. Nós podemos projetar essas experiências não para um consumo

passivo, mas para fortalecer conexões sociais<sup>5</sup>.

Este discurso nos remete à questão de uma vontade de engenharia do consumo cultural e da fruição de determinadas formas simbólicas, transbordando assim uma noção bastante estreita de cultura, cuja definição, ao contrário, deve partir sempre da maior amplitude possível, contemplando absolutamente a integralidade dos construtos materiais e imateriais produzidos por uma sociedade ou grupo social para muito além das linguagens artísticas ou das formas midiáticas comunicacionais, lastreando valores, tradições, crenças e, principalmente, narrativas que dão significação contextual à existência e ao mundo (UNESCO, 2009). Para além disso, como aponta Canclini (1988), a perspectiva crítica de análise da cultura não pode deixar de considerar a agência dos indivíduos receptores dos conteúdos culturais, os quais significam e ressignificam as mensagens e as intencionalidades de forma híbrida e contraditória, mobilizando tendências de reprodução da hegemonia e/ou de contestação contra-hegemônica. Tal perspectiva é convergente com a leitura de Kellner (2001) sobre a indissociável relação entre cultura e comunicação, na qual o Facebook seria um expoente da cultura da mídia, atuando como um grande conglomerado e agente de socialização repleto de tendências contraditórias com

5 No original: “We can look at many activities through the lens of building community. Watching video of our favorite sports team or TV show, reading our favorite newspaper, or playing our favorite game are not just entertainment or information but a shared experience [...]. We can design these experiences not for passive consumption but for strengthening social connections”.

uma gama de discursos e narrativas conflitantes entre si, que refletem a complexidade desigual da própria estrutura de classes da sociedade.

Zuckerberg, ao destacar que sua rede social tem como objetivo “projetar experiências” em seus usuários, elabora uma plataforma com a potência distópica contemporânea de controle político-cognitivo, podendo atuar como regime autorrepresentativo e de visibilidade pública de si mesmo, mesclando os tempos reais e virtuais, hibridizando em si o espaço-tempo e a esfera público-privada, blindando, por consequência, possibilidades disruptivas de questionamento, criação e transformação inerentes à cultura (SODRÉ, 2002).

Dessa forma, no afã de legitimar o papel de sua rede social como operadora da nova esfera pública do ciberespaço, Zuckerberg enfatiza, no limite, uma virtual separação entre comunicação e ideologia, a qual, no âmbito do Facebook, se estende para a intenção de dissociar cultura e política:

*Eu quero enfatizar que a vasta maioria das interações no Facebook são sociais, não ideológicas. Aumentando a diversidade de nossas ideias e fortalecendo o entendimento comum, nossa comunidade pode ter um enorme impacto positivo no mundo<sup>6</sup>.*

---

6 No original: “[...] I want to emphasize that the vast majority of conversations on Facebook are social, not ideological. [...] By increasing the diversity of our ideas and strengthening our common understanding, our community can have the greatest positive impact on the world”.

Por mais que a UNESCO (2009) aponte para um diálogo intercultural que reconheça e amplifique a multiplicidade dos saberes, tradições e conhecimentos através de um espaço comunicativo culturalmente neutro e provedor da livre expressão, consideramos tal proposta uma impossibilidade conceitual por definição, justamente na medida em que toda ação cultural e comunicacional carrega em si intencionalidades políticas e epistemologias norteadoras de concepções de mundo (CANCLINI, 1988; THOMPSON, 2011).

Mais do que isso, como aponta Eagleton (2005, p. 19), é justamente na definição de cultura como politicamente neutra e comprometida formalmente com a pluralidade que se revela seu caráter político: “[...] moldando os sujeitos humanos às necessidades de um novo tipo de sociedade politicamente organizada, remodelando-os com base nos agentes dóceis e moderados [...] conciliadores e desinteressados dessa ordem política”.

Assim, é nesta perspectiva que a narrativa de Zuckerberg se enquadra, mobilizando diversidade e entendimento comum para justificar um espaço hipoteticamente não ideológico capaz de “impactos positivos no mundo”, quando, na verdade, procura apenas legitimar o monopólio no estabelecimento de parâmetros valorativos que são, por definição, permeados de ideologia. Pois, como aponta Nogueira (2010), a suposta neutralidade ou a-historicidade de um construto cultural é um efeito ideológico que se traduz enquanto ato político na medida em que a própria cultura só poder ser lida atrelada ao poder – enquanto processo e conflito –, como produção de bens simbólicos em

dialogismo com a estrutura social, na qual a cultura não se separa de seu potencial político-humanista, o que está bastante distante de uma insípida leitura neutra, objetiva e a-política. Como sintetiza Sodré (2005), a cultura é um fenômeno discursivo intrincado com a ideologia e com os efeitos sociais de poder sobre os sentidos comunicacionais e organizadores das esferas econômica, política e social.

Complementando essa discussão, consideramos pertinente a perspectiva ampliada de Canclini (1988), em que as noções de dominação e de imperialismo cultural são demasiadamente simplistas para a compreensão dessa sociedade em rede baseada em fluxos de informação e comunicação, elucidando que o foco analítico mais potente reside sim no conceito de hegemonia, no qual a dominância de um determinado grupo social se legitima exatamente onde há interações recíprocas, ambíguas e dialógicas entre os poderes hegemônicos e os subalternos. É assim que o Facebook se mostra pontualmente disruptivo para a ação social e política, mas estruturalmente reproduzidor do *status quo* (EAGLETON, 2005) e das condições hegemônicas e desiguais da estrutura socioeconômica (THOMPSON, 2011).

Justamente a partir dessas considerações, faz sentido Muniz Sodré (2002) preferir usar o termo mutação tecnológica em detrimento do termo revolução informacional, já que em sua leitura ela se mostra conservadora das velhas estruturas de poder – uma “ciberocracia” baseada na midiaticização e na virtualização das realizações humanas, onde as tecnointerações seriam apenas uma “prótese” tecnológica de

reprodução do mercado na sistemicidade das mídias:

A astúcia das ideologias tecnicistas consiste geralmente na tentativa de deixar visível apenas o aspecto técnico do dispositivo midiático, da “prótese”, ocultando a sua dimensão societal comprometida com uma forma específica de hegemonia, onde a articulação entre democracia e mercadoria é parte vital de estratégias corporativas. Essas ideologias costumam permear discursos e ações de conglomerados transnacionais e de ideólogos dos novos formatos de Estado (SODRÉ, 2002, p. 22).

## Facebook e a diversidade cultural

---

Dar voz a todos tem sido historicamente uma força muito positiva para o discurso público porque aumenta a diversidade das ideias compartilhadas. É nossa responsabilidade amplificar os efeitos bons e mitigar os ruins – para continuar a aumentar a diversidade.<sup>7</sup>

Há duas sérias questões nessa afirmativa da nota de Zuckerberg acerca da diversidade cultural: a primeira diz respeito a considerá-la reificada e essencializada, enquanto a segunda concerne a citar o Facebook como agente midiático

---

<sup>7</sup> Giving everyone a voice has historically been a very positive force for public discourse because it increases the diversity of ideas shared. It is our responsibility to amplify the good effects and mitigate the bad -- to continue increasing diversity [...].

responsável por selecionar efeitos hipoteticamente bons ou ruins para aumentar a diversidade (como se ela fosse quantificável ou substancializável).

Dessa forma, cabe apontarmos que a diversidade cultural não se caracteriza como um bem, como um ente, ou como uma “coisa” a ser preservada, aumentada ou amplificada em seus efeitos valorativos, como pressupõe Zuckerberg, mas sim como uma processualidade criativa, um recurso simbólico e significativo em constante transformação e em contínuo desenvolvimento (UNESCO, 2009). Por conseguinte, é a noção estendida de cultura como processo dinâmico de inflexão das diferenças que ativa a própria diversidade cultural em sua forma recursiva e autorreflexiva (GIDDENS, 2009), em sua historicidade não teleológica e não previsível. Mais do que tudo, a diversidade cultural se inscreve como pedra angular para a compreensão do multiculturalismo que vem transformando as identidades dos Estados-Nação e dos indivíduos no contexto de globalização, onde se espriam fragmentações e recomposições híbridas – a partir da “*différence*”, de Jacques Derrida, e do “tempo liminar das minorias”, de Homi Bhabha – de meta-narrativas, instituições, valores, padrões econômicos, arquiteturas sociais, arranjos políticos e padrões comunicacionais (HALL, 2013; 2015).

Na verdade, a noção de diversidade cultural de Zuckerberg também emerge como verdade e discurso “seduzidos”. Como aponta Sodré (2006), há uma distinção fundamental entre diversidade e diferença. A primeira – **diversidade** – deve ser considerada como coexistente em sua lógica própria, portadora de epistemologias e

paradigmas tecno-científicos próprios. A segunda – **diferença** – emerge apenas como o diferente-exótico sempre relacional a um universal metafísico e valorativo hegemônico. Se há diferença, há um referencial; se há diversidade, há coexistência de referenciais. Sodré (2006) aprofunda a questão apontando que o mero reconhecimento da diferença é apenas uma abstração vazia diante da prática ético-política de aceitar a diversidade de outras possibilidades humanas. O Facebook, ao operar por algoritmos de predileção, não consegue nem ao menos lidar com a diferença de pontos de vista ao radicalizar as opiniões e leituras de mundo a partir das “bolhas” de interesse, quanto mais tocar no cerne de uma diversidade de fato neste sentido ampliado trazido por Muniz Sodré, no qual a diversidade emerge como radicalidade e pluralidade da razão comunicacional e como potência de criação de singularidades e destinos existenciais. Nesta perspectiva (SODRÉ, 2006), resta a Zuckerberg a incidência da crítica de que sua “diversidade” discursiva da comunidade global almejada se configura enquanto razão comparativa ancorada na economia e na técnica ocidental e eurocêntrica, sujeitada à reprodução econômica e técnica.

Por isso, na sua autoproclamada prerrogativa de criar uma comunidade global, o Facebook incorre em uma noção limitada da própria globalização:

Nossas melhores oportunidades são agora globais – disseminando prosperidade e liberdade, promovendo a paz e o entendimento, alçando as pessoas para fora da pobreza e desenvolvendo a ciência. Progresso agora requer que a humanidade se reúna não só como

*idades e nações, mas também como uma comunidade global.*<sup>8</sup>

Nesta narrativa discursiva apontada por Zuckerberg, ficam claramente explícitos os pilares de uma visão de mundo ocidentalizada, eurocêntrica e iluminista baseada na ideia de progresso e de valores liberais, como prosperidade, liberdade e crença inabalável na racionalidade científica, ancorados na democracia formal e no ordenamento jurídico e internacional dos Estados-Nação – elementos estes que se configuram, na verdade, como uma modernidade ou alta-modernidade ou pós-modernidade hegemônica e dominante na história (EAGLETON, 2005; GIDDENS, 1991).

Por conseguinte, como aponta Quijano (2005), esta tal modernidade se fundou no século XIV com a descoberta da América, mas não a partir de uma excepcionalidade europeia oriunda dos mitos greco-romanos, e sim por conta da própria América, que forneceu as bases materiais para a reprodução da forma capital-salário em um Sistema-Mundo dominado pelo Centro-Europa, modelando assim um arcabouço de cultura, política, economia e sociedade como referencial valorativo, reproduzindo até a contemporaneidade a desigualdade entre dominados e dominadores, colonizados e colonizadores, brancos e negros, índios, mestiços e amarelos. Assim é que Quijano

(2005), com seu conceito de colonialidade do poder, prossegue apontando que, consequentemente, esta modernidade ocidental apaga as identidades desses grupos a partir da inferiorização e invisibilização de suas epistemologias, criando uma intersubjetividade capitalista global que emerge como referencial da produção simbólica humana.

De fato, ao reduzir a diversidade cultural e a noção de cultura, bem como suas interfaces com o próprio processo de globalização, Zuckerberg, a nota “Building Global Community” e, por extensão, o próprio Facebook ficam autorrefenciados em sua legitimação como agente monopolizador dos poderes comunicacionais dessa rede social onipresente no ciberespaço contemporâneo:

*Situados aqui na Califórnia, não estamos na melhor posição para identificar as normas culturais ao redor do mundo. Dessa forma, nós precisamos de um sistema onde todos nós poderemos colaborar para estabelecer parâmetros. A abordagem é criar um processo democrático de larga escala para determinar esses parâmetros com inteligência artificial.*<sup>9</sup>

A questão que se coloca é o reconhecimento do Facebook, de sua localização e imersão em um caldo de cultura específico que se reconhece como agente ativo e gestor de uma esfera pública digital – a rede social – que

<sup>8</sup> No original: “Our greatest opportunities are now global – like spreading prosperity and freedom, promoting peace and understanding, lifting people out of poverty, and accelerating science. [...] Progress now requires humanity coming together not just as cities or nations, but also as a global community”.

<sup>9</sup> No original: “Sitting here in California, we’re not best positioned to identify the cultural norms around the world. Instead, we need a system where we can all contribute to setting the standards [...] The approach is creating a large-scale democratic process to determine standards with AI (Artificial Intelligence) [...]”.

mobiliza formas simbólicas, narrativas e discursos de 2,38 bilhões de pessoas, forjadas nas identidades híbridas e traduzidas das políticas da identidade e do multiculturalismo (HALL, 2013). Dessa forma, para lidar com tal “diversidade cultural” compreendida mais como um recurso de reprodução do seu próprio capital e valor, Zuckerberg aponta para o horizonte de um processo democrático fundado na inteligência artificial – alimentada gratuitamente pelos próprios usuários e capaz de gerar um incomensurável e valioso volume de informação que permitirá aos algoritmos traçar perfis detalhados dos usuários, fazendo com que, no limite, emergja um horizonte sócio-comunicacional muito mais sombrio do que as mais distópicas estruturas panópticas (FOUCAULT, 1987).

Assim, quando Harari (2018, p. 83) aponta que “quando a autoridade passa de humanos para algoritmos, não podemos mais ver o mundo como o campo de ação de indivíduos autônomos esforçando-se por fazer as escolhas certas”, é a rede social Facebook que se singulariza nessa agenda prometeica de atrelar o destino humano à técnica e, mais especificamente, à inteligência artificial fundada nos algoritmos e nos aprendizados de máquina, exemplificando a extrapolação do campo estritamente científico para a esfera social dos valores, da moral e do simbólico. Zuckerberg prossegue:

Nós precisamos que a nossa comunidade tenha padrões que reflitam nossos valores coletivos referentes ao que deve ser, ou não, permitido. Isso tem sido doloroso para mim porque eu frequentemente concordo com aqueles que nos criticam a partir dos erros que cometemos. Esses erros não são decorrentes de posições

ideológicas nossas em desacordo com a comunidade, mas ao contrário, são questões operacionais de escala<sup>10</sup>.

Neste caso, emerge a referência à sua comunidade global ter um padrão estandarizado capaz de dizer (bem como predizer e pós-dizer) quais construtos comunicacionais-culturais são permitidos ou não, aceitos socialmente ou não. Isso implica em trazeremos à reflexão os mecanismos que esta rede social utiliza para analisar e, eventualmente, censurar todo o conteúdo produzido ou compartilhado pelos usuários, atuando como um poder moderador, como um grande irmão (ORWEL, 2009) onisciente e onipresente através de *bites*, dados e códigos de processamento. Como aponta Sodré (2002), a *mídia-medium* – em nossa leitura, radicalizada e expressa no Facebook – atua como “anjo mensageiro” do poder instantâneo, global e veloz, exercido num espaço etéreo de “sintaxe universal que fetichiza a realidade e reduz a complexidade das antigas diferenças” (SODRÉ, 2002, p. 11).

Assim, quando o discurso de construção da comunidade global aponta que existem “erros operacionais de escala” não ideológicos, o texto está se referindo aos mecanismos de censura existentes dentro da própria rede social, operados pelos algoritmos e por agentes humanos moderadores de casos específicos, os quais têm os

<sup>10</sup> No original: “[...] We need Community Standards that reflect our collective values for what should and should not be allowed. [...] This has been painful for me because I often agree with those criticizing us that we’re making mistakes. These mistakes are almost never because we hold ideological positions at odds with the community, but instead are operational scaling issues”.

pressupostos de alinhar o que é aceitável/desejável ou não no âmbito da “diversidade” ansiada pelos padrões da comunidade.

Dessa forma, destacamos, entre uma miríade incontável de outros exemplos, a censura realizada pela rede social a uma foto que compunha a reportagem especial “Sebastião Salgado na Amazônia”, produzida pela Folha de São Paulo, em 3 de setembro de 2018. De fato, a série fotográfica

(FACEBOOK..., 2019) destacava, na época, uma série de fotos dos índios Suruwaras, tendo recebido a seguinte mensagem do Facebook após três horas do compartilhamento: “sua publicação viola nossos Padrões da Comunidade sobre nudez ou atividade sexual. Ninguém mais pode ver a sua publicação”. Assim, em nossa leitura crítica, a questão é muito mais profunda do que nudez ou atividade sexual, incidindo sobre a própria diversidade cultural enquanto conceito.

[ Figura 2 ]

Em primeiro plano e ao centro, Kwakway leva cesto cheio de massa de mandioca ao igarapé Pretão, ajudado por Baxihywy e Warubi (esquerda)



Fonte: Serva (2017)

Como podemos observar a partir da foto de Sebastião Salgado, há na verdade a representação artística da própria diversidade cultural, materializada em um modo de vida complexo e repleto de camadas de significado humano simbólico referente ao modo de produção, ao corpo, ao trabalho, à vida e ao gênero. Em síntese, a outra epistemologia não ocidental.

O próprio “Pensar Nagô” de Muniz Sodré (2017) atua como chave reflexiva para termos em conta que existem outras *arkhês* – princípios operacionalizantes da cognição e do simbólico dos *Sapiens* – que fundam culturas incomparáveis e irredutíveis entre si. É assim que a dimensão do corpo, no caso da foto, ultrapassa a questão da nudez e da sexualidade, já que estas são categorias

centradas no referencial epistemológico não só da rede social, mas de toda civilização ocidental. Quando Sodré (2017) reflete sobre a própria *arkhé* africana, ele nos exemplifica que o corpo físico é um corpo social, onde ambos enlaçam a mesma simbologia e o mesmo tecido social. O corpo opera como sensível físico permeado pelo mundo histórico e místico, como singularidade ritualizada de uma liturgia corporal que conecta o existencial ao não devir.

Por conseguinte, no caso da foto dos índios Suruwara, há também uma profunda significação corporal inalcançável para os referenciais valorativos e censuradores dos algoritmos do Facebook. Em que medida as cosmologias indígenas e africanas, enquanto dois eixos potentes de diversidade cultural, conseguem circular no dispositivo comunicacional e no regime de controle de cultura erigidos pela rede social? Como os padrões de comunidade e os códigos de programação do Facebook interpretariam, por exemplo, o ritual Yaokwa do Povo Enawene Nawe (IPHAN, 2006, p. 14)?

O Yaokwa articula os domínios distintos, porém, indissociáveis e interdependentes da Sociedade, da Cultura e da Natureza. Está orientado pela cosmologia – visão de mundo – do Povo Enawene, e regulado pelos ciclos próprios da natureza através de um calendário socioeconômico que integra complexas relações de ordem simbólica. Ao mesmo tempo, o Yaokwa se inscreve no cotidiano, nos sentidos de pertença e enraizamento desse povo que expressa na execução desse rito suas concepções sobre si e sobre os outros – os termos de sua identidade – vinculados à memória,

aos mitos e ao lugar privilegiado que o canto, o sopro (flautas) e a música ocupam nessa operação.

## Construindo uma comunidade global distópica

Dessa forma, encerramos este ensaio argumentando que o Facebook pretende construir uma comunidade global distópica do ponto de vista dos sentidos conceituais de cultura e diversidade cultural, a apresentando – e nos utilizamos de licença poético-conceitual com Muniz Sodré – como “verdade seduzida”. Pois, quando Zuckerberg afirma:

Nós podemos construir uma infraestrutura social para ajudar nossa comunidade a identificar problemas antes que eles aconteçam. Quando pensar em cometer suicídio ou se ferir, nós teremos construído uma infraestrutura para dar aos seus amigos e à comunidade ferramentas que poderão salvar suas vidas. Indo além, haverá ainda mais casos onde nossa comunidade deverá ser capaz de identificar riscos relativos à saúde mental, doenças ou crimes<sup>11</sup>.

<sup>11</sup> No original: “[...] we can build social infrastructure to help our community identify problems before they happen. When someone is thinking of suicide or hurting themselves, we’ve built infrastructure to give their friends and community tools that could save their life [...] Going forward, there are even more cases where our community should be able to identify risks related to mental health, disease or crime”.

Nós observamos que, como destaca Kellner (2001), a cultura da mídia e suas formas virtuais, como o Facebook (que faz a convergência entre mídia, comunicação e cultura), criam um fluxo intenso de informações que reordenam o espaço-tempo, anulam as separações entre realidade e imagem e, mais do tudo, forjam experiências e subjetividades preditivas e controladas.

Em contrapartida, como pontua Sodré (2005), a cultura e a diversidade cultural sempre escaparão às relações de poder e nunca serão inteira e inexoravelmente recobertas e totalizadas, emergindo como possibilidades de esvaziar, questionar, deslegitimar e desestruturar paradigmas, regimes e dispositivos que promovem, totalitariamente, estabilidades de sentidos.

Assim, gostaríamos de ter nossas intersubjetividades amalgamadas nos conceitos de “cultura” e de “diversidade cultural” do Facebook, ou utilizaremos a potência disruptiva e contra-hegêmica da cultura e da diversidade cultural para criarmos outras comunidades, outros globalismos, outras modernidades e outras epistemologias sociocomunicacionais?

Enquanto refletimos, Zuckerberg apresenta o seu lugar de fala:

É uma honra estar nessa jornada com vocês. Obrigado por fazerem parte da comunidade e obrigado por tudo que vocês fazem para fazer o mundo mais aberto e conectado<sup>12</sup>. ■

---

<sup>12</sup> No original: “It’s an honor to be on this journey with you. Thank you for being part of this community, and thanks for everything you do to make the world more open and connected. Mark”.

[ GABRIEL ALARCON MADUREIRA ]  
Bacharel e Licenciado em Ciências Sociais pela UNESP/Araraquara, Mestre em Sociologia pela UFSCar e aluno do CELACC no curso de Gestão de Projetos Culturais. Atualmente é Assistente Técnico da Gerência de Estudos e Programas Sociais do Sesc São Paulo.  
E-mail: gabriel\_madureira@yahoo.com.br

## Referências

---

CANCLINI, Nestor. Cultural transnacional y culturas populares: bases teórico-metodológicas para la investigación. *In*: CANCLINI, Nestor; RONCAGLIOIO, Rafael (org.). **Cultural transnacional y culturas populares**. Lima: Ipal, 1988. p. 18-76.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CHEVALIER, Stéphanie. Number of Facebook users in Brazil from 2017 to 2023 (in millions). **Statista**, New York, 26 nov. 2019. Disponível em: <http://bit.ly/2STeEMJ>. Acesso em: 27 maio 2019.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

FACEBOOK censura fotos de Sebastião Salgado de tribo indígena da Amazônia. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 4 set. 2018. Disponível em: <http://bit.ly/39L2fQM>. Acesso em: 3 jun. 2019.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1987.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

HALL, Stuart. A questão multicultural. *In*: **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. p. 51-100.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

HARARI, Yuval Noah. **Homo Deus: uma breve história do amanhã**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

HARARI, Yuval Noah. **21 lições para o século 21**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

IPHAN. **Dossiê IPHAN: Yaokwa Povo Enawene Nawe**. (2006). Disponível em: <http://bit.ly/2QvjX3o>. Acesso em: 3 jun. 2019.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia: estudos culturais – identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru: Edusc, 2001.

NOGUEIRA, Silas. Poder, cultura e hegemonia: elementos para uma discussão. **Revista Extraprensa**, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 1-10, 2010. Disponível em: <http://bit.ly/36smiRX>. Acesso em: 3 jun. 2019

ORWEL, George. **1984**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. Disponível em: <http://bit.ly/2tv3G5t>. Acesso em: 27 maio 2019.

SERVA, Leão. Fortes, livres e suicidas. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 2017. Disponível em: <http://bit.ly/2T3SYgG>. Acesso em: 10 dez. 2019.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho**: uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Vozes, 2002.

SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida**: por um conceito de cultura no Brasil. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

SODRÉ, Muniz. Diversidade e diferença. **Revista Científica de Información y Comunicación**, Sevilla, n. 3, p. 5-16, 2006. Disponível em: <http://bit.ly/2FqHFY8>. Acesso em: 3 jun. 2019.

SODRÉ, Muniz. **Pensar Nagô**. Petrópolis: Vozes, 2017.

THOMPSON, John. **Ideologia e Cultura Moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 2011.

UNESCO. **Investir na diversidade cultural e no diálogo intercultural**: relatório mundial da Unesco – resumo, 2009. Disponível em: <http://bit.ly/37GeKey>. Acesso em: 20 maio 2019.

ZUCKERBERG, Mark. Building Global Community. **Facebook**, São Francisco. 17 fev. 2017. Disponível em: <http://bit.ly/2sSH7Yb>. Acesso em: 22 maio 2019.